

Avenida Paulista como patrimônio cultural e o patrimônio cultural da Avenida Paulista

Ana Claudia de Oliveira, Micaela Altamirano

Abstract

Avenida Paulista (Paulista Avenue), a highly visible territory in the city of São Paulo, Brazil, has established itself as an urban icon and it is considered one of the main symbols of the city. Its history and constitution reflect different moments in the urban expansion of a city marked by permanent transformation. Factors such as popular appropriation, the mix of activities, as well as the various transformations of the cityscape ensured this place a dynamic and plural identity and has kept it representative of São Paulo's society. Assuming that *Avenida Paulista* is a heritage site for São Paulo, this article is based on the premises of the French semiotic theory to analyze whether there is an articulation of meanings between the monuments and narratives sanctioned by the public authorities along its extension and the life practices that take place there. In addition to the on-site record, the choice of the *corpus* considers information from GeoSampa, the city's official digital map platform.

*[...] Não encontrarás novas terras nem outros mares.
A cidade irá contigo. Andarás sem rumo pelas mesmas ruas.
Vais envelhecer no mesmo bairro [...] Sempre chegará a esta cidade.*

A cidade. Kaváfis, 1910.

1. Introdução

A avenida Paulista se consolidou como ícone urbano na cidade de São Paulo e é considerada um de seus principais símbolos. Sua história e sua constituição refletem diferentes momentos da expansão urbana de uma cidade marcada pela permanente transformação¹. Diferente de outros marcos de São Paulo, que perderam ou ganharam em grau de representatividade conforme a cidade foi se metamorfoseando, a Paulista manteve esse *status* praticamente desde sua inauguração em 1891. Sua visibilidade foi fortalecida principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando seu território e os arredores se tornaram o bolsão residencial das classes dominantes e centro de serviços sofisticados, passando também a sediar empresas do setor terciário como os grandes bancos paulistas (Iglecias 2001). Foi nesse momento que a avenida passou a demarcar o limite entre o chamado *Vetor Sudoeste* – região da cidade que concentra moradias da elite econômica, maior desenvolvimento de infraestrutura urbana e atividades de gestão do grande capital – e o centro da cidade adensado. Fatores como a apropriação popular, a mescla de atividades que ali se desenvolvem, assim como as diversas transformações de sua paisagem, garantiram à avenida Paulista uma identidade dinâmica e plural, destacando-a da maior parte das regiões que constituem a área sudoeste e mantendo-a representativa da sociedade paulistana.

É a partir dessas premissas que podemos afirmar que a avenida Paulista – sua história e as narrativas que ali se desenvolvem – constitui um patrimônio para a cidade de São Paulo e sua população. Ainda

¹ Para uma análise sobre os sentidos da avenida Paulista na construção da identidade paulista ver Oliveira 2017.

que sua paisagem não coloque em evidência as inúmeras facetas de nossa metrópole – especialmente os modos de morar e viver periféricos – seu caráter dinâmico, marcado por diversos tipos de apropriação, mais ou menos efêmeras, praticadas por múltiplos protagonistas, traduz o próprio modo de vida da população paulistana. Mas reconhecer a representatividade da Paulista e concebê-la como patrimônio da cidade, nos leva a refletir sobre um aspecto específico: quais elementos compõem seu patrimônio cultural oficialmente registrado, que são dados a ver em sua extensão e constroem o sentido de sua memória? Em que medida o patrimônio que habita a avenida Paulista representa a diversidade de populações e suas manifestações que ali convivem? Existe uma articulação de sentidos entre os monumentos e as narrativas oficialmente salvaguardados naquele território e as práticas de vida que ali se desenvolvem? Qual o engajamento do poder público para dar visibilidade aos monumentos e memórias oficializadas na Paulista e ampliar as possibilidades de fruição destes elementos que fazem parte de sua construção de sentidos?

Perseguindo esses questionamentos chegamos ao objetivo deste estudo, de mapear as memórias que atravessam os percursos de quem percorre a avenida Paulista, seja a pé ou por algum meio de transporte, convocadas em seus monumentos e marcos oficializados pelo poder público. Consideramos também que nossa relação com a espacialidade e a própria experiência da cidade vem sendo permeada pelo uso das tecnologias digitais, que nos coagem a uma experiência híbrida – entre realidade física e realidade virtual – da cidade, assim os sentidos dos lugares vem passando por traduções nas suas reconstruções nas plataformas digitais e redes sociais. Desta forma, para conduzir nossa investigação sobre o patrimônio oficial na espacialidade da Paulista, optamos por mapeá-lo não somente por meio de sua presença no território físico, mas nos orientando pela relação de bens e narrativas registradas e dadas a ver na plataforma pública digital criada em 2015 que é referência em dados geoespaciais do município: a GeoSampa.

A perspectiva do georreferenciamento apresentada na plataforma, por meio da qual se pode visualizar cada um dos elementos que compõem o patrimônio oficial identificado na extensão da avenida, nos permite ter uma visão geral desses marcos patrimoniais ali presentes e depreender o modo como se articulam. Se o sentido é construído pela rede de relação e pela diferença, nos perguntamos neste ponto se a experiência do sujeito que transita na GeoSampa pela avenida Paulista propicia uma construção de sentido da memória deste local, a partir da relação entre os elementos que ali a representam.

2. O patrimônio na espacialidade da Avenida Paulista: entre o físico e o digital

2.1. Caracterização da área de estudo

A avenida Paulista ocupa a área do espigão que divide os rios Pinheiros e Tietê. Teve sua inauguração em 1891, ganhando o nome que faria uma homenagem a todos os paulistas, e foi primeiramente habitada pelas elites cafeeiras e imigrantes europeus empresários da indústria e do comércio. Como herança dessa época, abriga ainda nos dias de hoje um patrimônio histórico de casarões e palacetes, antigas propriedades desta camada da população. Com a ocupação dos bairros do entorno por residências luxuosas, ainda na primeira metade do século XX, tornou-se também importante via de ligação entre bairros. Posteriormente, foi ocupada pelas sedes financeiras e grandes escritórios de empresas multinacionais, além de hotéis executivos, tornando-se o centro financeiro mais tradicional da cidade. Nas últimas décadas do século XX, houve uma maior popularização de seu território, mobilizada pelo desenvolvimento de um conjunto misto de atividades, pelo intenso comércio – em especial de eletrônicos e lojas de departamento – e pela realização de manifestações políticas, esportivas e festivas.

Na entrada do século XXI, mais especificamente na última década, a Paulista seguiu como aglutinadora das mudanças que ocorrem em São Paulo, tornando-se palco de lutas que tiveram a democratização do espaço público como pauta principal. Com isso, sua paisagem e usos foram transformados, especialmente a partir da implementação da ciclovia em seu canteiro central e da implementação do projeto *Paulista Aberta*, que consiste no fechamento da avenida para o tráfego de veículos e abertura para uso recreativo da população aos domingos. O projeto conta com cerca de 30 mil pessoas circulando por domingo no local e já registrou um recorde de 100 mil visitantes em um



único dia (Leme 2017). Com isso, ali instalaram-se mais *shopping centers* – totalizando quatro –, além de bares, lanchonetes e cafés, favorecidos pelas largas calçadas que não são habituais nessa cidade.

Nas últimas décadas, a Paulista firmou-se também como um corredor cultural, aglutinando sete grandes instituições, entre centros culturais e museus, formando um território de cultura² que apresenta programação variada aos frequentadores. O cinema também ganha destaque no circuito cultural da avenida, principalmente pelas salas que exibem programação alternativa à das grandes redes e contam com acesso direto à rua – os chamados “cinemas de rua”, diferente dos cinemas localizados no interior de *shopping centers*, como é mais comum encontrar na cidade. O diálogo cultural tem espaço na Paulista também na circulação de pessoas das mais diversas nacionalidades que chegam para trabalhar ou tratar de assuntos referentes à mobilidade internacional em um dos 19 consulados que ocupam sua extensão.

A circulação desses diversos perfis de população é facilitada pelo sistema de transporte que conecta sua área, o qual conta com uma abrangência metropolitana: a Linha 2 (verde) do metrô, com estações distribuídas ao longo de toda a extensão da avenida, liga a zona oeste com a zona leste da cidade, passando pela articulação com o ABC Paulista e com ao menos duas linhas de trem; a Linha 4 (amarela) conecta-se com três das cinco linhas de metrô em operação na metrópole e com ao menos uma linha de trem; a faixa exclusiva de ônibus, que ocupa a avenida nos dois sentidos, recebe ao menos uma linha de cada zona da cidade e algumas linhas intermunicipais; em uma de suas pontas, no cruzamento com a Rua da Consolação, passam os ônibus que circulam no corredor Campo Limpo/Rebouças/Centro, que transporta passageiros por boa parte da extensa zona sul da cidade.

O modo como a paisagem e os usos da Paulista foram se configurando nas últimas décadas garantiu que seu espaço público estivesse cada vez mais aberto para a ocupação pelos habitantes, o que passou a distingui-la das demais vias que não são pensadas para a população ocupar, mas sim nelas estar de passagem. Porém, embora essas mudanças tenham favorecido a mobilidade pedestre, a configuração de alguns de seus trechos mantém a memória da cidade concebida para o carro³. Exemplos disso são seus trechos inicial e final: no início da avenida, no trecho em que cruza com a Rua Treze de Maio, está localizada a Praça Oswaldo Cruz, cortada em duas partes pelas vias destinadas ao tráfego de veículos e cada uma dessas partes cercadas em todas as suas laterais pelas pistas de veículos que ligam a região da Paulista a outros bairros. No lado oposto, em seu trecho final, encontra-se o túnel de acesso às avenidas Rebouças e Doutor Arnaldo, situado no prolongamento subterrâneo das faixas centrais da avenida e as alças de acesso à rua da Consolação e à própria Paulista, ligado ao complexo viário criado nesse entroncamento, denominado José Roberto Fanganiello. Além de o acesso entre as calçadas estar totalmente atravessado pelos fluxos de carros e ônibus, tal dinâmica espacial acaba por segregar todos os espaços destinados ao pedestre e ao convívio social nestes trechos, de forma que os espaços verdes se tornam, mais uma vez, puros locais de passagem.

² Para um maior detalhamento recomendamos o trabalho do ateliê Território(s) de cultura(s) do CPS-Centro de Pesquisas Sociosemióticas, em especial Albuquerque et. al 2019.

³ Para um estudo aprofundado sobre a narrativa do carro na cidade de São Paulo ver Boanova 2017.



Fig. 1 – Mapa dos trechos inicial (à esquerda) e final (à direita) da avenida Paulista, © Google Maps.



Fig. 2 – As duas partes da praça Oswaldo Cruz, totalmente cercadas por vias destinadas à circulação de veículos.

Entretanto, essas áreas vêm sofrendo transformações por influência dos movimentos pela democratização dos espaços empreendidos pela população nos últimos anos. Dois importantes exemplos disso são as ressemantizações operadas nas Praças do Ciclista e dos Arcos: ambas ocupam o entorno desse entroncamento no trecho final e atualmente são palco de encontro de grupos como ciclistas e skatistas, além de receberem intervenções mais perenes como bicicletário, jardins mantidos pelos moradores da região, quiosques de alimentação e mobiliário urbano. Analisando, portanto, a espacialidade da Paulista e seus usos, é possível depreender que, pouco a pouco, o carro perde protagonismo e dá espaço para a população pedestre e suas mais diversas práticas de vida.



Fig. 3 – Praça dos Arcos (à esquerda) e Praça do Ciclista (à direita).

2.2. A Paulista digital na plataforma GeoSampa

A plataforma GeoSampa é um portal de mapas oficial da cidade de São Paulo em formato aberto, que pode ser acessado por qualquer dispositivo com acesso à internet. Segundo a prefeitura do município, a plataforma configura a maior coletânea de dados geoespaciais sobre a cidade e apresenta mais de 240 tipos de informações, tais como fotos aéreas, equipamentos públicos, rede de transporte, sistema viário, dados ambientais, zoneamento, entre outras, atuando como ferramenta de fortalecimento da transparência do poder público⁴. O conteúdo da GeoSampa é disponibilizado para *download* e é constantemente atualizado pelas secretarias municipais responsáveis, entre elas Saúde, Habitação, Assistência Social, Educação, Transportes, Cultura, Verde, Segurança Urbana, Fazenda, Esporte e Urbanismo. Em 2018 essa ferramenta multifuncional contou com mais de 1,3 milhão de acessos e conquistou cerca de 150 mil novos usuários interessados em consultar, pesquisar, obter mapas e dados sobre zoneamento, áreas públicas, parques, meios de transporte, localização de bens tombados, entre outros temas disponíveis⁵.

Em 2019, a plataforma passou a contar com uma nova camada chamada Patrimônio Cultural, sob responsabilidade do DPH-Departamento do Patrimônio Histórico – um departamento da Secretaria de Cultura, responsável pela gestão do patrimônio cultural de São Paulo. Separada do restante das informações sobre a área cultural e contando com mais de 400 registros, esta camada exhibe especificamente elementos tombados ou registrados oficialmente como patrimônio cultural da cidade, entre eles monumentos, acervos protegidos, áreas tombadas, bens registrados e as referências culturais identificadas a partir de projetos mais recentes do DPH, o Selo de Valor Cultural e o Inventário da Memória Paulistana. Estes dois últimos projetos foram implementados a partir de 2015 e se destacam por seu caráter participativo, de reconhecimento de locais e manifestações que configuram referências culturais para os diferentes grupos sociais de São Paulo a partir de narrativas identificadas junto às próprias comunidades⁶.

Para o desenvolvimento de nossa investigação, que tem como foco de estudo o patrimônio não arquitetônico, mas aquele que habita as calçadas, que perpassa os percursos dos sujeitos que circulam pela Avenida Paulista, optamos por trabalhar com a camada Patrimônio Cultural da plataforma GeoSampa, deixando de fora as subcamadas Bens Arqueológicos e Bens Protegidos e selecionando as subcamadas Monumento, Bem Registrado, Selo de Valor Cultural e Inventário Memória Paulistana. O acesso à plataforma se deu no mês de setembro de 2020 e trabalhamos com o recorte do mapa que compreende a extensão da Paulista e os arredores de seus trechos inicial e final. A partir desse recorte, identificamos: 4 estátuas (datadas de 1920 a 2013), 2 cinemas de rua (com registro datado entre 2019 e

⁴ Gestão Urbana SP 2019.

⁵ Equipe ArchDaily Brasil 2019.

⁶ Para mais informações sobre o Selo de Valor Cultural e o Inventário Memória Paulistana ver as resoluções 35/2015 e 13/2019 do CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo disponíveis em formato digital para acesso público em prefeitura.sp.gov.br.

2020), 2 esculturas contemporâneas (datadas de 1991 e 2015) e 1 Placa de Memória do Inventário Memória Paulistana (fixada em 2019). Com essa listagem desenvolvemos a análise que se segue.

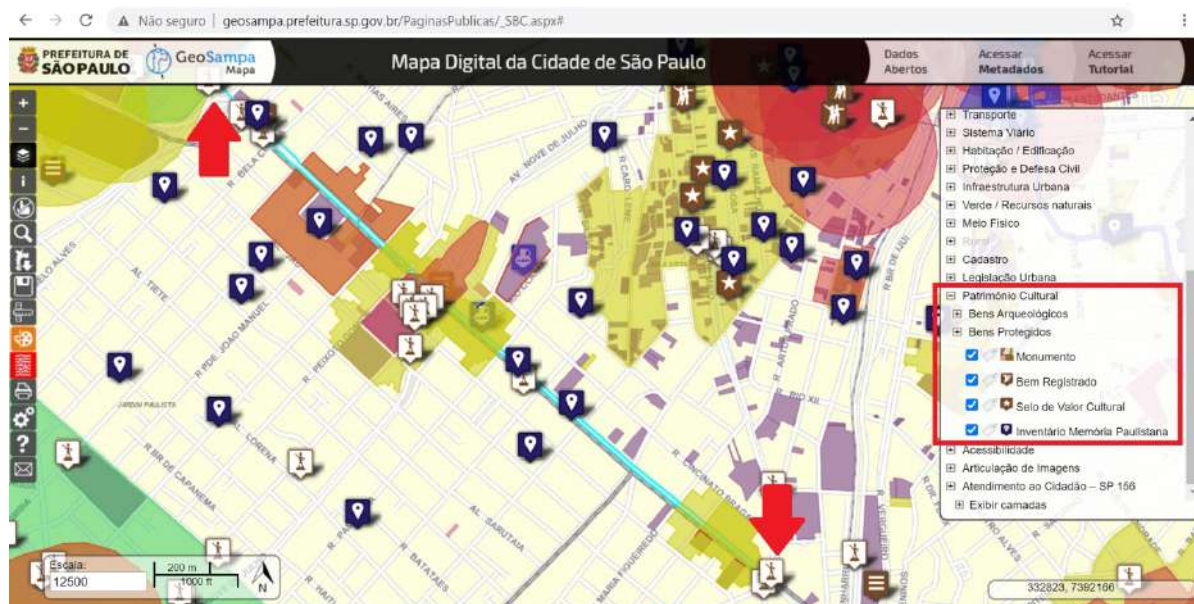


Fig. 4 – Captura de tela da plataforma GeoSampa com indicações do recorte estabelecido para a análise.

3. O patrimônio cultural nos percursos da Paulista

O conjunto de bens materiais que formam o patrimônio cultural exibido na topologia da avenida não insere todas as obras alocadas e distribuídas ao longo do espigão, mas somente as reconhecidas enquanto patrimônio, ou seja, as que tem a legitimação do destinador *poder público municipal*. Ao escolher as obras e narrativas reconhecidas para figurar na plataforma GeoSampa o que vamos estudar é como as obras presentificam a história e que valores essa seleção põe em circulação na sintagmática configurada. Das análises dos bens e referências culturais que se seguem vamos tecer considerações sobre elas figurarem *in loco* na avenida e figurarem na plataforma objetivando analisar por meio do tipo de interação criada que tipo de experiências da memória cultural é criada.

3.1. Chafariz estátua Índio Pescador, estátua Anhanguera e estátua de Francisco de Miranda



Fig. 5 – Captura de tela das áreas do mapa onde se encontram os monumentos Índio Pescador (à esquerda), Anhanguera (ao centro) e Francisco de Miranda (à direita) na plataforma GeoSampa, com as respectivas informações disponíveis.

Em uma intrínseca relação com a história nacional o chafariz estátua Índio Pescador, feita em bronze, pelo artista Francisco Leopoldo e Silva e a estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, dito Anhanguera, feita em mármore de Carrara, pelo italiano Luiz Brizzolara, demarcam o ponto inicial – a primeira – e o ponto medial da avenida – a última, instalada hoje diante do parque Tenente Siqueira Campos com o olhar voltado para o vão do Museu de Arte Moderna, o MASP. Se esse ponto medial era antes o *belvedere* e ponto de encontro da elite intelectual paulistana do início do século passado, hoje ele é o vão público de boa parte das manifestações da pauliceia, a ágora metropolitana. Da calçada em frente ao parque, a estátua do Anhanguera figurativiza o destinador colonizador, que acompanha o que se passa na Paulista e que permite ver o que se passa no vale da antiga São Paulo do centro histórico. Este posicionamento da estátua faz ver a retrospectiva temporal dos feitos da cidade.

A população nativa indígena que vivia nomeadamente da pesca, assim como da caça e coleta de grãos e frutos e o colonizador que, no seu papel mercantilista de desbravador da Terras Brasilis, aprisionava os nativos das terras achadas na América do Sul, para tipos de trabalho fora de seu universo cultural. Duas populações: a pan-americana e a colonizadora lusitana que se enfrentaram na luta pelo domínio e exploração do local se encontram selecionadas na GeoSampa a fim de propor encontros na atualidade com os circulantes pelas ruas e calçadas. Categorizados na plataforma como *monumentos*, ambas as estátuas foram produzidas na década de 1920 por artistas de ascendência europeia e presentificam os sentidos de um imaginário ligado ao período colonial, exibindo traços característicos de uma leitura estética das belas-artes e convocando narrativas que apresentam personagens históricos com seus papéis temáticos que celebram seus feitos. Têm, portanto, um sentido simbólico de recontar a história do Brasil. A do passado e a que acontece agora.

Ainda na categoria *monumentos*, próxima ao ponto final da avenida, e convocando uma produção de sentidos que se aproxima do imaginário das outras duas estátuas, está a Estátua de Francisco de Miranda, que homenageia esse general venezuelano, considerado o precursor da independência e unificação dos países latino-americanos. Diferentemente das duas anteriores, esta foi produzida e doada pela Venezuela ao povo de São Paulo na década de 1970 e, embora surja nos percursos da Paulista como uma ligação com os países latino-americanos de língua espanhola, aí representados pela Venezuela, não é muito explicitado como se alinhava na história da cidade e qual lugar ocupa na memória construída neste território focal de São Paulo. Em todo caso, aí posto na sintagmática passa a integrar o encadeamento de sentido.

As informações disponíveis a respeito desses três monumentos, ao serem acessados na camada Patrimônio Cultural na plataforma, apresentam um caráter mais técnico, como o nome da obra, seus autores, ano de implantação, material e localização, mas não fornecem informações sobre sua procedência, o momento histórico ali representado, suas simbologias ou mesmo fatos sobre seu processo de oficialização enquanto elemento constituidor do patrimônio da cidade. Tampouco existe

algum recurso na plataforma por meio do qual seja possível acessar uma imagem dos monumentos e muito menos que simule uma visitação em 360 graus como requer a interação com esculturas.



Fig. 6 – Monumentos Índio Pescador (no alto), Anhanguera (no centro) e Francisco de Miranda (abaixo) na extensão da avenida Paulista.

3.2. Esculturas abstratas: *Pléxus*, de Maria Bonomi, *Sem título* de Tomie Ohtake e *Caminho* de Liliam Amaral e Jorge Bassani



Fig. 7 – Captura de tela das áreas do mapa onde se encontram as esculturas *Pléxus* (à esquerda), *sem título* (ao centro) e *Caminho* (à direita), com as respectivas informações disponíveis na plataforma GeoSampa.

Instalada na Praça Oswaldo Cruz em 2013, a escultura de Maria Bonomi, produzida em 2007, foi doada à cidade de São Paulo pela artista italiana naturalizada brasileira. O lugar escolhido para a obra ocupar foi o encontro da avenida Paulista com a rua 13 de maio. E esse encontro de vias que marca a construção viária está também na escultura em alumínio fundido de quase três metros de altura e 300 kg. Apesar dessa dimensão agigantada, a visibilidade da escultura é difícil para os que circulam por transporte rodoviário e muito bem perceptível nas caminhadas a pé e de bicicleta. As grandes partes articuladas em oblíquas mostram o seu sistema de movimentação com abertura e fechamento de suas duas pás entrecruzadas em uma figuratividade abstrata de braços que se abraçam, como a malha viária que abraça a cidade. *Plexus* propõe assim um entrecruzar enlaçador entre escultura e população. No ponto medial da avenida, encontra-se a grande forma abstrata de Tomie Ohtake (1913-2015), no número 1111. A escultura sem nome de Tomie, nascida no Japão e naturalizada brasileira, tem uma altura de quase nove metros e pesa cerca de oito toneladas. A estrutura de aço carbono é pintada com tinta automotiva na cor vermelha, na parte externa, e na cor prata na parte interna. Posicionada entre as alamedas Pamplona e Campinas, no canteiro da calçada ladeando as pistas asfálticas, com dimensões agigantadas a escultura entra em contato com os pedestres que atravessam a larga avenida e locomovem-se na calçada, e com os motorizados em circulação, primeiro os que se direcionam para a Vila Mariana, mas também os da pista contrária que rumam à Consolação. O jogo cromático permite melhor ver a maleabilidade do material, enfatizado pelas bordas mas também em relação ao eidético que, na articulação desses três formantes, produz uma intensa mobilidade da faixa em contorções para as laterais, para a parte superior (prédios, céu) e inferior (subterrâneo, terra), do interior que parece se mover para fora e do exterior que, na sua vermelhitude, parece operar uma contenção da força metálica contrária como se as duas pudessem inverter seu posicionamento pelo fluxo que promovem. Essa continuidade plástica ciclicamente não para de se contorcer efetuando assim a marcação rítmica do pulsar daquilo que vive, o ser vivente, que a escultura esteticamente faz sentir a presença.

Em relação ao prédio que está posicionada à frente, o do *Citibank*, ela dialoga corpo a corpo com essa voz institucional que financiou a sua manufatura e instalação juntamente com a associação Paulista Viva; na calçada, a obra dialoga com a população pedestre e, nas pistas, com os motorizados. Sua verticalidade a fazem ser vista do outro lado da avenida por quem circula pelas pistas contrárias e por aqueles que caminham na calçada e postam-se na entrada do *shopping* Cidade de São Paulo com todo o ângulo de visão aberto para o cenário que a escultura sem nome integra. É quando se depreende que essa força sobre a lateral do prédio vizinho na esquematização do mapa do estado de São Paulo arranjado na alta topologia retangular ascendente em um jogo entre as partes e o todo. Assim, a pulsação da avenida, da estátua, do sistema financeiro, da pauliceia mostra-se fazendo o estado. Em diálogos multilaterais, a obra de Tomie instaura movimento no movimento da rede ramificada de

vasos e nervos da pauliceia, em uma polifonia de vozes, que fazem sentir a ritmicidade pulsante da obra na pulsação da avenida e da cidade.



Fig. 8 – Panorama do trecho da avenida Paulista onde está localizada a escultura sem nome de Tomie Ohtake, na pista de sentido oposto.

Reiterando esses encontros viários característico da avenida, a obra *Caminho*, da artista plástica Lílian Amaral e do arquiteto Jorge Bassani, situa-se no encontro das avenidas Paulista e Angélica, nas esquinas das ruas Minas Gerais e Itápolis na Praça Marechal Cordeiro de Farias. Os arcos metálicos multicoloridos se delineiam em direções que sequenciam o movimento circular. Cromatismo e eidos dão continuidade ao que nasce da terra, desenrola-se nos ares e retorna à terra. Com força expressiva esses semicírculos acompanham a linhagem de esculturas que produzem efeitos de sentido de movimentação como as que passamos antes no início e no meio da artéria do espigão.

O movimento interliga as três esculturas, assim como a avenida, mas também no ladear as vias mencionadas os arcos adentram nas vegetações da praça e reaparecem em uma movimentação integrada com a paisagem que amplifica a mobilidade lúdica que configuram, mas também incitam ações concretas da população como a de substituir a nomeação do lugar homenagem a um vulto do Exército Brasileiro para simplesmente ser a praça dos Arcos aglutinadores que nela estão. Toda essa plasticidade rítmica concretiza os sentidos de ocupar o espaço público e a população aí brinca sob os arcos pisando a relva, tocando as plantas e interagindo uns com os outros. São três conjuntos de arcos, cada um harmonizado nos cromatismos tonais e da forma arqueada em dimensões maiores e menores dando o encaixe de um arco em outro, que assim mostram as interligações e enfatizam o contínuo dos ciclos dos arcos. No espaço da praça encravado no complexo viário, a sociabilidade entre os frequentadores não deixa de atuar como um prenúncio anunciador da avenida Paulista ocupada pela população que tanto clamava por mais espaço público para estar e permanecer para encontro de muitos encontros da população como desses arcos que saem da terra e, no seu volteio de 180 graus, voltam à terra; encontros que podem ser tomados como figurativizações dos específicos desse entroncamento de vias urbanas que circulam no solo, aereamente e no subsolo.

As esculturas *Pléxus*, escultura sem nome de Otake e *Caminho* alinham-se pela mesma isotopia presentificada pelas figuras reiteradas na totalidade do percurso. Como proclama o *slogan* simbólico da cidade “São Paulo não pode parar”, na continuidade da avenida e da cidade, dia e noite, no século passado e no século XXI, a metrópole se faz presente por essa continuidade de seus fluxos que monta os seus ritmos: ora aceleradamente, ora lentamente, ora interrompido entre parar e andar.

Essas três obras, todas categorizadas como *monumentos* na plataforma GeoSampa, acenam para o sentido da ocupação humana da Paulista, mas não reconstróem esse sentido no mapa digital, que, também neste caso, disponibiliza apenas informações de caráter técnico e nenhuma imagem no acesso a cada uma delas. Posicionadas principalmente em pontos originalmente construídos para o protagonismo dos carros, estas obras aí postas convocam os sentidos a sentirem o pulsar na Paulista, nos encontros, nas práticas, na ressemantização dos espaços. Mas nos deixam a pergunta: como os sentidos desse patrimônio podem ser reoperados no ambiente digital? E como eles podem originar no digital experiências para fazer sentir os sentidos das obras?



Fig. 9 - Esculturas Pléxus (no alto), Sem título (no centro) e Caminho (abaixo) na extensão da avenida Paulista.

3.3. Cine Gazetinha (Reserva Cultural), Cine Belas Artes e Placa da Memória Paulistana: Morte de Márcia Prado (ciclista)

Das práticas de vida da cidade, do seu cotidiano, pouco antes da entrada da atual década, o patrimônio oficial da Paulista começa a incorporar *referências culturais* que ganham relevância a partir dos usos que os sujeitos fazem da avenida e de seus espaços. Sobre esses marcos mais recentes, é possível encontrar informações um pouco mais completas na GeoSampa, por meio de breves relatos a respeito das narrativas que embasam sua presença na espacialidade da Paulista. Entretanto, na data em que foram feitas as fotos dos espaços para compor este artigo, não foram encontradas duas das placas que deveriam sinalizar esses locais de memória – nossa hipótese é que possam ter sido removidos temporariamente para fins de manutenção, embora não haja qualquer informação pública a esse respeito.



Fig. 10 – Captura de tela das áreas do mapa onde se encontram as placas que demarcam os lugares que convocam a memória de referências culturais de grupos da sociedade paulistana: Cine Gazetinha (à esquerda), Morte de Márcia Prado (ao centro) e Cine Belas Artes (à direita), com as respectivas informações disponíveis na plataforma GeoSampa.

Na parte medial e final estão os complexos de sala de cinema Cine Gazetinha – com a denominação atual de Reserva Cultural – e Cine Belas Artes, que presentificam a memória dos cinéfilos paulistanos que, por décadas, cultivam o hábito de se reunir nesses locais, onde tem lugar uma programação de filmes alternativa às salas das grandes redes comerciais, além de eventos e programação de festivais, atuando como espaços que preservam a memória do *ir ao cinema* enquanto prática de vida construtora de sentidos, para além de um entretenimento trivial. O patrimônio é *referência cultural* de grupos formadores da sociedade paulistana.

Este mesmo semantismo de patrimônio pauta o reconhecimento da memória da morte da ciclista, uma entre tantas, que está na Placa da Memória Paulistana: Morte de Márcia Prado (ciclista). A morte da moça, atropelada naquele ponto da Paulista por um motorista de ônibus em 2009, trouxe visibilidade para o cicloativismo na cidade, que culminou na conquista da construção das ciclovias em São Paulo a partir de 2015, sendo a avenida Paulista o palco da inauguração. A memória desses grupos reitera o sentido de uma Paulista que tem seus espaços transformados pelos usos e práticas da diversidade e heterogeneidade de sua população.

Pode-se desse dia a dia louvado pela placa e pela *ghost bike*⁷ interligá-lo à escultura *Caminho*, com os tantos imbricamentos semânticos da dicotomia imperante vida *versus* morte que os percursos dos arcos mostram também ao atravessar a Paulista. De igual modo, à escultura de Tomie situada da calçada contrária à Placa da Memória de Márcia Prado reforça a pulsação da vida. Uma vida na Placa da Memória Paulistana, da morte que faz outros manterem a vida.

⁷ Segundo informação disponível no site *Vá de bike*: “*Ghost Bikes* são bicicletas brancas instaladas em locais de acidentes fatais com ciclistas, como memoriais em homenagem a quem perdeu a vida para a pressa de alguém, para a falta de planejamento viário, para a omissão do poder público. Também têm o objetivo de evitar que aquela morte caia no esquecimento, sendo considerada apenas um inconveniente temporário ao trânsito de uma tarde qualquer.” (Cruz 2013).

Como se pode deprender, isotopias unem os patrimônios, assim o das esculturas entrelaçam-se ao das referências culturais dos diversos grupos sociais.



Fig. 11 – Cine Reserva Cultural (antigo Cine Gazetinha / © Stephen Coles | CC), Ghost Bike instalada pela população que configura o memorial em homenagem a Márcia Prado (acima) e placa que sinaliza a memória do Cine Belas Artes (abaixo), cuja fachada exhibe desenhos parietais figurativos fortemente característicos da pauliceia. Não foram encontradas nos locais indicados na GeoSampa as placas que deveriam demarcar o local da morte de Márcia Prado e a memória do Cine Gazetinha.



4. Considerações Finais

Após esse percurso de ponta a ponta do espigão podemos nos perguntar se as visitas no fluxo da avenida e no fluxo da plataforma promovem os mesmos efeitos de sentido da memória cultural exposta na Avenida Paulista? Em que medida o patrimônio cultural que perpassa os percursos da avenida Paulista, dado a ver na plataforma GeoSampa, participa da construção de sentido da memória deste local? O que é São Paulo e a avenida vividas pela plataforma GeoSampa? Eis uma pergunta teoricamente da maior importância para um semiótico na sua busca de estudar o sentido da vida que nos parece escapar da plataforma GeoSampa e que, com os recursos do *online*, caberia investir no desenvolvimento para propor reformulações voltadas a criar formas de viver os lugares no e pelo digital.

É possível afirmar que a GeoSampa atua como um guia inicial, que situa a presença do patrimônio físico na espacialidade física, porém articula essa presença sob uma perspectiva mais quantitativa e menos qualitativa, já que não disponibiliza maiores informações sobre as narrativas que pautam o reconhecimento desses patrimônios e tampouco oportuniza uma experiência do lugar no ambiente digital. Com toda essa ausência de procedimentos do destinatário plataforma, de competencialização cognitiva do destinatário bastante diversificado que a acessa, temos um repositório digital que precisa de muitos investimentos tecnológicos para poder cumprir a sua gama de papéis narrativos.

Entretanto, em uma cidade que “não para” como São Paulo, observar a pura presença desses elementos na extensão do mapa da Avenida Paulista não deixa de ser um convite a conhecer ou reconhecer o lugar e suas memórias. Aliando o mapa georreferenciado a outros recursos disponíveis atualmente, como, por exemplo, o *Google Street View*, é possível identificar a presença desses elementos de memória e identidade e interagir de modos diversos com seus sentidos e materialidades. Mas esse é um outro artigo que devemos proximamente elaborar.

Ao analisar o conjunto de elementos que compõe o patrimônio da Avenida Paulista, por meio dos recursos da GeoSampa, constatamos que é marcado pela descontinuidade de narrativas que, na sua disposição topológica, não alinhavam um percurso histórico, sociocultural e identitário da cidade e nem muito menos um percurso interacional que proponha experiências para os que acessam a plataforma com essas obras enquanto sujeitos que *fazem sentir* e *fazem fazer*. Observa-se uma contradição desses objetos e pontos com o espaço físico que simboliza as várias eras de São Paulo da passagem do século XX ao XXI. Ao acessarmos o mapa georreferenciado entramos em contato com objetos heterogêneos, que evidenciam que o patrimônio cultural que habita a extensão da Avenida Paulista não mantém conexões e não é fruto de um planejamento coerente, de forma que não constroem uma narrativa do lugar. Mas a narrativa está na avenida e os que circulam por ela podem vive-la no compasso dos encontros interacionais que experimentam na imediaticidade dos encontros em ato.

Embora seja possível identificar que as ações empreendidas pela municipalidade nas últimas décadas no campo da gestão do patrimônio da Avenida Paulista estejam em processo de abertura para as práticas vividas que constroem de forma dinâmica os sentidos desta localidade para a população, constata-se que, de modo geral, não existe uma proposição sistematizada para estabelecer uma conexão dos patrimônios eleitos com a vida do lugar, seja por meio de ações culturais ou educacionais. Por ora, cabe aos sujeitos que por ali circulam assumirem o protagonismo dessa interação e se colocarem disponíveis para criar e recriar os sentidos do patrimônio que habita a Avenida Paulista. Os modos de fazê-lo são variados e cabe aos habitantes descobrir. Há ainda muitas interações mais a vivenciar na e pela Paulista como patrimônio cultural.



Bibliografia

Nel testo, l'anno che accompagna i rinvii bibliografici è quello dell'edizione in lingua originale, mentre i rimandi ai numeri di pagina si riferiscono alla traduzione italiana, qualora sia presente nella bibliografia.

- Albuquerque, M.F., Barcelos, M.C.V., Bogo, M.B., Chen, L., 2019, "Território de culturas Av. Paulista: uma nova dinâmica?", in A. C. Oliveira, a cura, *Semiótica em contextos*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, pp. 415-437.
- Boanova, N.G., 2017, *Permanência e mutação no discurso do automóvel em São Paulo: uma análise sociosemiótica*, Dissertação de Mestrado, orientação Ana Claudia de Oliveira, PUC-SP: PEPGCOS.
- Cruz, W., 2013, "Ghost Bikes", in *Vá de Bike*, vadebike.org/2013/02/ghost-bikes consultato il 16 gennaio 2020.
- Equipe ArchDaily Brasil, 2019, "Portal GeoSampa oferece mapas e informações sobre a cidade de São Paulo", in *ArchDaily*, archdaily.com.br/br/910734/portal-geosampa-oferece-mapas-e-informacoes-sobre-a-cidade-de-sao-paulo.
- Gestão Urbana SP, 2019, "GeoSampa: Prefeitura disponibiliza a visualização de lotes no mapa digital", in gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/noticias/geosampa-prefeitura-disponibiliza-a-visualizacao-de-lotes-no-mapa-digital consultato il 15 gennaio 2020.
- Iglecias, W., 2001, "Impactos da mundialização sobre uma metrópole periférica: o vetor sudoeste de São Paulo", in *Cadernos Metrópole*, vol. 0, n. 6, pp. 09-41.
- Leme, A., 2017, "Avenida Paulista aos domingos vira calçadão democrático", in *Veja São Paulo*, veja.abril.com.br/cidades/capa-avenida-paulista-passeio consultato il 14 gennaio 2020.
- Oliveira, A.C., 2017, "Avenida Paulista: Reminiscências e reescrituras de uma São Paulo inacabada", in A. C. Oliveira, a cura, *São Paulo e Roma: práticas de vida e sentido*, São Paulo, Estação das Letras e Cores; trad. it. "Avenida Paulista: reminiscenze e riscritture di una San Paolo incompiuta", in *San Paolo in divenire tra identità, conflitti e riscritture*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, pp.393-431.
- Soares, I.C.M.B., Alvim, A. A. T. B., 2015, "Passagem e permanência: um estudo sobre o movimento do pedestre no cruzamento da Avenida Paulista com a Rua da Consolação", in *VII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo*, Barcelona-Montevideo, junio 2015, Barcelona, DUOT.